

**DOSSIÊ LITERATURA E
PSICANÁLISE**

O SUBSOLO DE UM E DE OUTRO FREUD EM DOSTOIÉVSKI OU DOSTOIÉVSKI EM FREUD?

Bruno Wagner D'Almeida de Souza SANTANA¹

- **RESUMO:** Cientes da radicalização operada por Freud no tocante à concepção romântica de inconsciente, e da forte ligação que manteve durante toda a sua vida com a literatura e a arte em geral, propomos, neste trabalho, estabelecer um paralelo entre Memórias do Subsolo e a psicanálise, visando a dois objetivos principais: ilustrar o que a psicanálise entende por sujeito e apontar aquela obra de Dostoiévski como prefiguradora da noção de Inconsciente desenvolvida pela psicanálise.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Dostoiévski. Psicanálise. Literatura. Memórias do Subsolo. Inconsciente.

Vangloria-se da sua consciência, mas, na realidade, apenas vacila, pois, embora o seu cérebro funcione, o seu coração está obscurecido pela perversão, e, sem um coração puro, não pode haver consciência plena correta. E que capacidade de importunar, que insistência, como careteia! Mentira, mentira, mentira!

Fiodor DOSTOIÉVSKI (1962).

¹ UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Psicologia – Instituto de Ciências Humanas e Letras – Núcleo de Pesquisa em Subjetividade e Cultura. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-330. Graduando em Filosofia. CES/JF – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36025-020 - brunowagnersou@yahoo.com.br

Freud nunca teve grande afeição pelos filósofos; ao contrário, ele foi um grande opositor das teorias que pretendiam obter um conhecimento pleno do homem, mas que, talvez sem o saber, cada vez mais se distanciavam do próprio homem em sua dimensão real; exemplo disso foi o sistema totalizante de Hegel (BIRMAN, 2003), onde tudo, inclusive o sujeito, era um mero momento da dialética que culminaria no Absoluto.

E apesar de ser neurofisiologista, podemos afirmar também que Freud se distanciou bastante da medicina ao colocar a hipótese do inconsciente em cena, subvertendo dessa maneira a tradição cartesiana que apostava na consciência, no primado da razão, enquanto dimensão que nos confirmaria a realidade da existência humana e nos possibilitaria o acesso à Verdade; nesse mesmo momento, Freud subverte também com a ciência e seu comprometimento com a empiricidade, pois o inconsciente, por ele proposto, não pode ser percebido a olho nu, mas apenas indiretamente, através do que a psicanálise preferiu chamar de formações do inconsciente: chistes, atos falhos, sonhos e sintomas.

Sendo assim, se não foi tanto pelo viés da filosofia e nem da ciência, quais produções podem ter contribuído para que Freud viesse a elaborar a idéia de Inconsciente?

Pois bem, sabendo da radicalização operada por Freud no tocante à concepção romântica de inconsciente, e da forte ligação que manteve durante toda a sua vida com a literatura e a arte em geral, me proponho neste trabalho a estabelecer um paralelo entre Memórias do Subsolo e a psicanálise visando dois pontos principais: ilustrar o que a psicanálise entende por sujeito e apontar tal obra de Dostoiévski como, de certa forma, prefiguradora da noção de Inconsciente desenvolvida pela psicanálise.

Memórias do Subsolo

“Sou um homem doente... um homem mau. Um homem desagradável.” Assim Dostoiévski (1962, p.143) dá início a Memórias do Subsolo – de forma um tanto negativa, diriam vocês. No entanto, como Joseph Frank (2002, p.428) diz sobre essa obra, “[...] não se pode entender corretamente o texto sem apreender a interação desses dois níveis, os quais se interpenetram para motivar tanto as idéias do homem do subterrâneo quanto seu comportamento.” Assim sendo, quero enfatizar de início que a articulação entre tal texto e a psicanálise reside justamente aí, no que o homem do subterrâneo não rejeita inteiramente a razão ou as leis da consciência, mas, pelo contrário, o que possibilita tal articulação é justamente o fato de que o homem do subterrâneo, estrategicamente, irá “destruir os seus inimigos a partir de dentro” (FRANK, 2002, p.432), e para tanto irá acolher o aspecto racional do ser humano porém irá levá-lo às últimas conseqüências, se deparando então com o sujeito na sua face paradoxal, na sua condição desejanse, para além da razão.

Para tanto, Dostoiévski irá se utilizar da paródia, ou seja, irá tomar episódios específicos do livro de Tchernichévski², porém invertendo o sentido desses episódios no contexto original (FRANK, 2002). Assim, por exemplo, o homem do subsolo irá dizer, aproveitando-se de termos usados pela ciência, que todo seu mal-estar é conseqüência da sua “consciência hipertrofiada”; o que não é senão uma paródia da concepção de Tchernichévski, segundo o qual não haveria espaço para o livre-arbítrio, uma vez que todo ato humano seria determinado pelas “leis da natureza”. O homem do subsolo comparece então levando tal idéia às últimas conseqüências: a inércia.

² Romancista russo partidário de uma ideologia humanitária e que acreditava na possibilidade de edificação de uma sociedade sem males.

Afinal de contas, eu provavelmente nunca saberia o que fazer com minha magnanimidade – nem perdoar, porque meu ofensor pode ter me esbofetado em obediência às leis da natureza; nem esquecer, pois, mesmo que se trate das leis da natureza, ainda assim é ofensivo (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.440).

Mais à frente conclui: “O resultado direto da consciência é a inércia – isto é, o ato de ficar conscientemente sentado de braços cruzados”. (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.440).

Podemos então, penso eu, dizer que se o homem do subsolo se põe a tagarelar é, para além de uma forma de manifestar toda a sua indignação, para demonstrar a dimensão positiva que há no negativo:

E, aliás, quereis saber de uma coisa? Estou certo de que a nossa gente do subsolo deve ser mantida à rédea curta. Uma pessoa assim é capaz de ficar sentada no subsolo durante quarenta anos, mas, quando abre uma passagem e sai para a luz, fica falando, falando, falando... (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.172).

Assim, aproveitando para lembrar que não faço com “dimensão positiva” qualquer relação com o ideal positivista (aliás, pelo contrário, se posso apontar algo que constitui alvo de críticas durante todo o texto, afirmo-lhes: trata-se do ideal positivista), o homem do subsolo irá tomar o rancor como única causa válida para se insurgir contra toda tentativa de eliminação da liberdade de ação do homem:

Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos.

Ademais, sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina (sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso). Não, se não quero me tratar é apenas por uma questão de raiva. (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.172).

Elementos contraditórios (diria eu paradoxais, pois há aí o acolhimento da contradição, ou seja, tais elementos se afirmam juntamente a todo instante e não se repelem) fervilham dentro do nosso paradoxalista (DOSTOIÉVSKI, 1962), fornecendo-nos a imagem do sujeito para a psicanálise – já que, para esta, o ser humano é razão e desrazão, consciência e inconsciência, permeado por amor e ódio; concepção esta que dará margem para que Lacan (1973) forje o termo *hainamoration*, do francês *haine*, que significa ódio, dando a idéia de um enamoramento que mistura amor e ódio.

Tal idéia, de que haveria no homem uma tendência oposta àquela que procura obter somente o prazer nas relações, sejam elas quais forem, aparecerá em 1920 com a publicação de “Mais-além do princípio de prazer”, onde Freud (1974) instaura um novo dualismo pulsional, opondo as pulsões de vida às pulsões de morte. Tal dualismo decorreu da “compulsão à repetição”, onde Freud percebeu que o sujeito queixoso continuava a repetir as ações que lhe eram fonte de desprazer; em suma, percebeu que a fonte de desprazer era também fonte de prazer (o que Lacan mais tarde chamará por Gozo). É o que se nota comumente quando as pessoas vivem a repetir ações das quais sempre se queixam. A propósito, há algum tempo atrás andei reformulando aquele velho ditado que diz “errar uma vez é humano, duas é burrice”, pois o burro, guiado pelo instinto, jamais se queima duas vezes, enquanto nós, humanos, estamos sempre a incorrer nos mesmos erros, é como se todo dia a

gente fosse lá e botasse a mão no fogo; portanto, penso que o mais certo seria “errar uma vez é burrice, duas ou mais é humano”.

Segundo Freud, a teoria das pulsões é a sua mitologia, pois, particularmente o conceito de pulsão de morte nos remete a um além que muito facilmente pode ser identificado ao misterioso e ao inefável. Isso porque ela, a pulsão, é um conceito-limite, refere-se ao corpo, mas não é o corpo e seu objeto é impreciso (GARCIA-ROZA, 1986). Com isso, quis mostrar que o ser humano é capaz de subverter qualquer padrão pré-estabelecido, qualquer classificação que o pré-determine, até mesmo os padrões biológicos. Assim, Lacan sublinhou que, para apreender a essência do funcionamento pulsional, é preciso conceber o objeto como da ordem de um oco, de um vazio, designado de maneira não representável: o “objeto pequeno a”.³ Este não é senão o objeto enigmático fundante do desejo, objeto causa de desejo, o qual nunca nos é dado possuir, pois a todo momento nos escapa; daí, o **objeto pequeno a** é aquilo que, se num primeiro momento nos promete a satisfação, num segundo momento irá nos revelar a nossa falta-a-ser.

A arte em geral atesta isso a todo instante: a volatilização e a perda do objeto pretendido (o objeto pequeno a) e a paradoxal indeterminação de nossos desejos (a pulsão). Vejamos a respeito a ilustração do nosso camundongo:

A minha maldade, em virtude mais uma vez dessas execráveis leis da consciência, está sujeita a decomposição química. Quando se repara, o objeto volatiliza-se, a razão se evapora, não se encontra o culpado, a ofensa não é mais ofensa, mas fatum, algo semelhante a dor de dentes, da qual ninguém é culpado, e, por conseguinte, resta mais

uma vez a mesma saída, isto é, bater no muro do modo mais doloroso. Assim, desiste-se por não se ter encontrado a causa primeira. Mas experimenta apaixonar-te cegamente pelo teu sentimento, sem discussão, sem uma causa primeira, repelindo a consciência ao menos durante esse período. Odeia ou ama, apenas para não ficares sentado de braços cruzados. Depois de amanhã, o **mais tardar, começarás a odiar-te, porque** ludibriaste a ti mesmo conscientemente. Resultado: uma bolha de sabão e a inércia. Ah, senhores, é possível que me considere um homem inteligente apenas porque, em toda a minha vida, não pude começar nem acabar coisa alguma. Admitamos, admitamos que eu seja um tagarela, um tagarela inofensivo, magoado, como todos nós. Mas que fazer, se a destinação única de todo o homem inteligente é apenas a tagarelice, uma intencional e vazia tagarelice. (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.156, grifo nosso).

O homem do subsolo se apercebeu do sentimento de prazer que tinha nos momentos em que menos tinha razão para isso, sentia prazer na degradação de si próprio, sentia prazer nos momentos em que deveria sentir ojeriza. Podemos notar esse sentimento paradoxal, por exemplo, na segunda parte do texto, intitulada “A propósito da neve molhada”, onde o homem do subsolo trava relação com uma prostituta chamada Lisa. Ao passar na frente do espelho, o homem do subsolo pensa: “Meu rosto transtornado pareceu-me extremamente repulsivo, pálido, rancoroso, detestável, com o cabelo em desalinho. Não importa, estou contente com ele, estou contente por parecer a ela repulsivo; gosto disso.” (DOSTOIÉVSKI apud FRANK, 2002, p.467). Penso ser relevante aqui lembrar que, segundo o nosso camundongo, ele apenas consegue

³ Cf. ROUDINESCO; PLON, 2000.

perceber isso por causa de sua grande inteligência, de sua consciência hipertrofiada (DOSTOIÉVSKI, 1962).

Aqui está um dado importante: como é possível levar adiante a proposta que fiz – apontar em Memórias do Subsolo uma certa prefiguração do Inconsciente freudiano- se, no entanto, o anti-herói (como ficará mais claro mais adiante) do texto vangloria-se de sua hiper-consciência? Porém, alerta-lhes: do que é que ele, o homem do subsolo, tem consciência senão de uma dimensão outra dentro de si mesmo, para além do aspecto racional que vigora no psiquismo e que insiste em permear seus atos? Fica evidente nesse texto que, se o homem do subsolo argumenta em prol da sua consciência, promovendo assim uma “reação humana total” com relação ao Palácio de Cristal de Tchernichévski, que se trata de uma consciência Outra, que abrange um lado inteiramente subversivo no Homem, de uma racionalidade Outra, que persiste em escapar a todas formas de determinação esperadas. Dessa forma, ainda que não possamos falar do Inconsciente propriamente dito, assim como falou Freud, em Memórias do Subsolo há um vislumbre muito forte de tal noção, de algo que impulsiona o ser humano em suas ações e que opera de outra maneira, de forma não inteiramente racional; e é assim que o homem do subterrâneo nos atesta que há um fundo de indeterminação no ser humano que nunca poderá ser abarcado totalmente -o que representaria a morte do aspecto singular do homem. Aliás, foi isso que ele quis dar a entender ao dizer que “dois mais dois não são mais a vida, meus senhores, mas o começo da morte”; e ainda: “Estou de acordo que dois mais dois é uma coisa admirável, mas se é para se elogiar tudo, então dois mais dois são cinco também constitui às vezes uma coisinha muito simpática.” (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.164).

Pensai no seguinte: a razão, meus senhores é coisa boa, não há dúvida, mas razão é apenas razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto que o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar de cabeça. E embora a nossa vida, nessa manifestação, resulte alguma vez em algo bem ignóbil, é sempre a vida e não apenas a extração de uma raiz quadrada. Eu, por exemplo, quero viver naturalmente para satisfazer toda a minha capacidade vital, e não apenas a minha capacidade racional, isto é, a vigésima parte de toda esta capacidade vital. Que sabe a razão? Somente aquilo que teve tempo para conhecer (algo, provavelmente, nunca chegará a saber; embora isto não constitua consolo, por que não o expressar?), enquanto que a natureza humana age em sua totalidade, com tudo o que nela existe de consciente e de inconsciente e , embora minta, continue vivendo. (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.164-165).

O homem do subsolo continua, então, a argumentar no sentido de que o ser humano não pode ser compreendido unicamente por aquilo que se apresenta apenas como ínfima parte de sua capacidade vital. Logo, entra em questão o tema da liberdade. Essa, segundo ele, seria a vantagem mais importante e preciosa (DOSTOIÉVSKI, 1962) do Homem. Por quê? Pois sem a liberdade seríamos meras “teclas de piano”, e não homens, como ele mesmo diz. Dostoiévski insiste nisso, pois, é preciso lembrarmos, vivia ele o período dos grandes e totalizantes sistemas filosóficos, onde não havia espaço para a singularidade, período em que a ciência demonstrava claramente sua ambição de tudo controlar e prever. Assim, tentava-se eliminar tudo que manifestasse alguma irregularidade no mundo. Vivia-se a metáfora da máquina, um mundo

newtoniano, mecânico, não havendo lugar, portanto, para o acaso dos afetos.

Dessa forma, buscava-se eliminar aquilo de mais precioso que o Homem possui, a “maior das vantagens”, a sua própria liberdade de escolha, a sua própria vontade, seu aspecto mais fundamental: o aspecto desejante. A propósito, é nesse mesmo ponto em que podemos dar conta de mais uma importante semelhança entre a literatura dostoievskiana e o pensamento psicanalítico: ambas subvertem o ideal de ciência para dar primazia ao sujeito, ao sujeito desejante.

Está aí um fator essencial para compreendermos o que se passa nas críticas que o homem do subsolo faz às concepções idealistas e aos saberes totalizantes em geral. A ciência, por exemplo, na busca de um saber absoluto e completo, que tudo prevê e tudo sabe, em seus edifícios classificatórios procura manipular todas as “variáveis”, pois só assim seria possível obter a reprodução desejável de um experimento. O conhecimento científico está fundado no caráter necessário das coisas e, portanto, um dos seus pressupostos, para que um conhecimento possa ser validado como verdadeiro, é a reprodução fidedigna do experimento; ou seja, parte-se do pressuposto de que o conhecimento verdadeiro das coisas deve ser necessário, e não casual, pois que “a verdade” nunca poderia ser acidental, aleatória. E isso só seria possível de uma maneira: eliminando o aspecto contingencial do sujeito, ou seja, tornando-o como uma mera “tecla de piano”. Assim, ao preservar no Homem o seu caráter desejante, tanto a psicanálise quanto o homem do subsolo acolhem a aleatoriedade e o acaso enquanto dimensões essenciais para compreendermos o ser humano:

Aceitais acaso a tarefa de determinar com absoluta precisão em que consiste

a vantagem humana? E se porventura acontecer que a vantagem humana, alguma vez, não apenas pode mas deve até consistir em que, em certos casos, desejamos para nós mesmos o prejuízo e não a vantagem? E, se é assim, se pelo menos pode existir tal possibilidade, toda regra fica reduzida a nada. O que achais? Acontecem tais casos?... Mas eis o que é surpreendente: por que sucede que todos esses estatísticos, mestres de sabedoria e amantes da humanidade, ao computar as vantagens humanas, deixam de mencionar uma delas? Nem sequer a incluem no cômputo, na forma em que deve ser tomada, mas é disso que depende todo o cálculo. [...] Mas a ruína está justamente em que esta vantagem complicada não cabe em nenhuma classificação e não se enquadra em nenhuma lista! [...] Mais ainda: então, dizeis, a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade, nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de uma tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza; de modo que tudo o que ele faz não acontece pela sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza. Conseqüentemente, basta descobrir essas leis e o homem não responderá mais pelas suas ações, e a sua vida tornar-se-á sobremaneira fácil. Todos os atos humanos serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de tábua de logaritmos até 108.000, e registrados num calendário. [...] Ora, que prazer se pode ter em desejar segundo uma tabela? Mais ainda: no mesmo instante, o homem se transformará num pedal de órgão ou coisa semelhante, pois que é um homem

sem desejos, sem vontade, senão um pedal de órgão? Que pensais disso? Calculemos as probabilidades: pode tal coisa acontecer ou não? (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.158).

Antes um sujeito errante do que uma tecla de piano, é o que nos diz o homem do subsolo. E, dessa forma, ironiza a idéia do “palácio de cristal”, de Tchernichévski, espécie de sociedade perfeita onde tudo estaria previamente calculado e as relações entre os homens se dariam na mais completa harmonia. Segundo Tchernichévski, o homem comete ignomínias unicamente por desconhecer os seus reais interesses, de forma que bastaria instruí-lo, abrir-lhe os olhos para os seus verdadeiros e normais interesses, para que ele deixasse imediatamente de cometer essas ignomínias e se tornasse no mesmo instante bondoso e nobre; isso porque é sabido que ninguém é capaz de agir conscientemente contra seus próprios interesses (DOSTOIÉVSKI, 1962). No entanto, segundo o nosso camundongo, se olharmos a nossa história, não veremos senão casos em que o Homem investiu justamente contra aquilo de que ele falava, se arriscando a todo momento ao enveredar por caminhos totalmente desconhecidos e incertos. Tudo isso Dostoiévski concebe, pois parte ele de outra ordem, parte ele do fundo de desrazão que há no Homem; diria eu, parte ele do inconsciente, e apenas por causa disso é que o homem do subsolo critica o sonho de uma sociedade perfeita, inteiramente racional e perfeita, pois qual seria o lugar do Homem aí? Numa sociedade onde só se admitem ações racionais, “sensatas”, haveria sequer um mísero espaço para o Homem? Dostoiévski [1987] ilustrou bem isso em “O Sonho de um homem ridículo”, onde o protagonista da história, um homem que pensava em se suicidar, em sonho, é levado por seres não humanos a um lugar inteiramente harmonioso, de seres inteiramente inocentes. No entanto, ao fim, tal protagonista, humano por sua vez, acaba por

corromper esse paraíso, contaminando com a sua presença um lugar inocente até a sua chegada, e os seres que ali habitavam então aprenderam a mentir e chegaram mesmo a deleitar-se com ela.

Em Memórias do Subsolo, Dostoiévski aponta a parcialidade da razão e com isso investe contra o Palácio de Cristal de Tchernichévski, espécie de sociedade perfeita onde não há qualquer espaço para a parcialidade humana:

Então – sois vós que o dizeis ainda – surgirão novas relações econômicas, plenamente acabadas e também calculadas com precisão matemática, de modo que desaparecerá num instante toda espécie de perguntas, precisamente porque haverá para elas toda espécie de respostas. Erguer-se-á então um palácio de cristal. [...] É verdade, porém: o que o homem não é capaz de inventar por fastio! [...] Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, de repente, em meio a toda sensatez futura, surgisse algum cavalheiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógrada e zombeteira, e pusesse as mãos nas ilhargas, dizendo: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez, unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão para o diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com a nossa estúpida vontade?! (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.162)

E caminhando para o “fim” desta obra, Dostoiévski irá ainda levantar um argumento que pode nos fazer pensar que aquilo que põe a par de semelhança psicanálise e Memórias do Subsolo não é senão uma concepção trágica da existência em ambas:

[...] é que isto não é mais literatura, [...] um romance precisa de um herói e, no caso, foram acumulados intencionalmente todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos. Desacostumamos mesmo a tal ponto, que sentimos por vezes certa repulsa pela “vida viva”, e achamos intolerável que alguém a lembre a nós. Chegamos a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor.[...] E, no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos. [...] Somos natimortos, e há muito tempo já que não nascemos de pais vivos, e isto nos agrada cada vez mais. Em breve, inventaremos algum modo de nascer de uma idéia. (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.252-253).

Na tragédia, ao contrário da epopéia, o que fica evidente não é o apelo à medida, ao Pai e à delimitação, mas, ao contrário, o que aí vigora é a convocação à desmedida, à *hybris*. O herói trágico não é aquele que se destaca da massa para ser exaltado como ser superior, mas é aquele que se depara com a sua finitude e não refuga diante dela. Édipo, por exemplo, ao descobrir que matara seu próprio pai e casara-se com sua mãe, irá furar os próprios olhos e “[...] retomar o caminho do exílio, desta vez acompanhado por sua filha, Antígona, até a aldeia de Colona, perto de Atenas, onde desaparece de forma misteriosa.” (SÓFOCLES, 2002, p.124). Assim, a ética psicanalítica, como diz Lacan, vem apontar justamente para aquilo

que constitui a **experiência trágica da vida**, onde o sujeito enquanto desejante se vê confrontado com sua própria castração, ou seja, com sua própria finitude e limitação. O homem trágico é um sujeito dilacerado por “contradições”, numa encruzilhada quanto à ação. Aspectos estes que nos fazem compreender por que tanto Freud como Lacan se interessaram tanto pelas tragédias. E isso acontece porque a psicanálise não apenas lida com um sujeito dividido como também problematiza a dimensão da responsabilidade da ação humana (RINALDI, 1996).

Bem, se Dostoiévski referiu-se ao homem do subsolo como um anti-herói, prefiro tratá-lo sim como um herói, mas antes como um herói trágico – e não épico – já que não se trata nessa obra de uma exaltação gloriosa do personagem, mas de seu próprio reconhecimento enquanto sujeito de desejo e da vontade de não recuar diante de tudo aquilo que nele está implicado. Há um certo ímpeto de guerra no homem do subsolo, ímpeto que faz com que ele, ainda que reconheça sua castração, sua falta-a-ser, insista em conviver com ela ao invés de negá-la.

Em *Torções do Gozo*, de Denise Maurano (2004, p.25), iremos encontrar:

Para a tragédia, o barroco e a psicanálise, o valor da vida não se afirma pela glória da imortalidade, e se há uma afirmação da vida é pelo valor intrínseco a ela mesma, valor esse que não recalca a relação e mesmo a fascinação pela morte, relação em último termo ao irrepresentável. Nelas, o que causa horror não é encoberto ou negado, mas transfigurado de maneira a poder ser afirmado. Nesses campos é a perspectiva do movimento, da dinâmica, que ganha a cena.

Assim, barrocamente é dado “fim” a essa obra aberta: “Sem dúvida, ainda não terminam aqui as ‘memórias’ este paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer ponto final aqui mesmo.” (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.253).

SANTANA, B. W. A. de S. The underground of one and of the other: Freud in Dostoiévski or Dostoiévski in Freud? **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 9-22, jul./dez. 2006.

ABSTRACT: *From the starting point of Freud’s radicalization of the romantic conception of the subject as well as of the strong ties the psychoanalyst kept with literature and art in general throughout his life, we propose, in this text, a parallel between Notes From Underground and psychoanalysis, aiming at two major targets: to illustrate what psychoanalysis understands by subject and to show Dostoiévski’s work as an early development of the concept of subject that would be developed by psychoanalysis later.*

KEYWORDS: *Dostoiévski Psychoanalysis. Literature. Notes From Underground. Unconscious.*

Referências:

BIRMAN, J. **Freud e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Coleção Passo-a-Passo).

DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. v.X.

_____. O sonho de um homem ridículo. In: _____. **Os melhores contos de Dostoiévski**. Tradução, seleção e introdução de Ruth Guimarães. São Paulo: Círculo do Livro, [1987].

FRANK, J. **Dostoiévski: os efeitos da libertação**. Tradução de Geraldo Gerson Souza. São Paulo: EDUSP, 2002.

FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.XXI, p.183-198.

_____. Mais-Além do Princípio de Prazer. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XVIII, p. 13-85.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

LACAN, J. **Séminaire, livre XX: encore**. Paris: Seuil, 1973.

MAURANO, D. **Torções do gozo: o barroco à luz da psicanálise**. 2004. Tese (Pós-doutorado em Letras)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RINALDI, D. **A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ: J. Zahar, 1996.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

SÓFOCLES. **Édipo Rei; Antígona**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor).